

# Violência policial na berlinda

## Condenação do policial Derek Chauvin pela morte de George Floyd expõe questões raciais e de uso indiscriminado da força e impõe desafios aos governos dos Estados Unidos e do Brasil

Na terça-feira, 20, o tribunal do júri de Mineápolis, nos EUA, decidiu que o ex-policial Derek Chauvin é culpado pela morte de George Floyd, homem negro asfixiado durante uma abordagem policial em maio de 2020. Por unanimidade, os 12 jurados condenaram ex-policial por causar a morte, sem intenção, por meio de um ato perigoso. Chauvin também foi condenado por outros dois crimes: homicídio culposo e negligência ao assumir o risco consciente de causar a morte de Floyd. A pena será anunciada pelo juiz no prazo de dois meses.

O julgamento foi rápido e avassalador. O resultado já era esperado em função da enorme repercussão do caso. As imagens do ex-policial asfixiando Floyd com o joelho no seu pescoço correram o mundo, causando indignação e protestos. A repercussão política do caso foi grande, colocando Joe Biden e Donald Trump em campos opostos. Biden condenou veementemente a violência praticada contra Floyd. Trump, por sua vez, se negou a classificar a abordagem praticada pelo policial como violenta. Logo após o veredito desta terça, o presidente Joe Biden e sua vice, Kamala Harris, telefonaram para a família de Floyd e se comprometeram a aprovar leis contra a violência policial e o racismo.

O julgamento recebeu ampla cobertura das principais emissoras de televisão e jornais dos EUA. Até a agenda do presidente Biden foi alterada em função dele. Se não fossem as circunstâncias extraordinárias que envolveram o caso, possivelmente o resultado do julgamento teria sido outro. De acordo com o jornal *The New York Times*, desde 2005 houve apenas sete condenações de policiais pela morte de civis.

Alguns pesquisadores norte-americanos demonstram ceticismo com a possibilidade de haver uma mudança profunda nas relações entre as polícias e as comunidades negras. Outros estudiosos, por sua vez, veem uma janela de oportunidade para que este caso abra caminho para mudanças significativas nas polícias. Tudo dependerá da forma como o governo Biden irá conduzir a discussão dentro do Congresso.

Os desdobramentos do caso Floyd interessam muito ao Brasil. Limitar o uso da força, em especial a letalidade policial, tem sido um dos maiores desafios das polícias brasileiras. Em 2015, enquanto no Brasil morreram 2702 civis em confronto com as polícias brasileiras, nos EUA morreram 442 civis.

Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, em 2019 o Brasil registrou 6.375 mortes de civis por intervenção policial. Não se pode generalizar a atuação das polícias brasileiras. Há uma grande variação regional no que se refere a letalidade policial no Brasil. Em 2019, apenas 5 estados responderam por 71,4% das mortes de civis: RJ, SP, BA, PA e GO. No Rio de Janeiro, o número de pessoas mortas em confronto com a polícia equivaleu a 30,3% do total dos crimes violentos letais intencionais (CVLI). Este percentual foi de 29,2% no Amapá; 23,4 em Goiás; 21,3% em São Paulo, e 17,6% no Paraná.

Não é só a letalidade de algumas polícias que é elevada. A vitimização policial também é alta. Em 2015 morreram 296 policiais militares em confrontos. A vitimização policial também varia bastante: 5 estados concentram 65,5% dos policiais mortos no Brasil: RJ, SP, PE, PA e BA. Cerca de 76% destas mortes (226) aconteceram quando o policial estava fora de serviço, frequentemente realizando atividade de segurança privada. Em alguns estados como Pará e Bahia, o número de policiais mortos fora de serviço chega a ser 6 vezes maior que o total de policiais vitimados em serviço.

Em 2019 foram registradas 172 mortes de policiais. Desse total, 62 foram mortos em serviço, e 110 foram vitimados fora de serviço. As mortes fora de serviço representaram, portanto, 64% do total de policiais mortos. O perfil médio do policial assassinado em 2019 não se distingue muito daquele verificado entre as vítimas de mortes violentas intencionais de modo geral. Os policiais mortos são majoritariamente homens (99%) e negros (65%).

O desafio de reduzir a letalidade policial é grande tanto nos EUA quanto no Brasil. Para fazer com que estes números caiam, é preciso que os governos federais de ambos os países abracem esta agenda e promovam uma profunda reestruturação dos manuais e doutrinas em uso nas polícias.

